

Editorial

Écrire, c'est résister.

Na história da literatura, há livros que versam sobre livros – e esses têm textura. *Ilusões Perdidas*, de Balzac, é um exemplo insigne de obra *texturée*; mas também – como dizia Bradbury – há aqueles que têm poros e feições, qualidades que os tornam *literários*, pois agregam a maior quantidade possível de detalhes da vida em uma folha de papel, ultrapassando o visível, o que está ali, escrito na folha e frente aos olhos do leitor, de modo a induzi-lo a uma leitura sub-reptícia que jaz adormecida nas entrelinhas. Mas ainda há livros “que servem para nos lembrar quanto somos estúpidos e tolos” (BRADBURY, 2012, p. 111). Estes últimos incomodam, e muito, os poderes constituídos, e, convenhamos, a maioria deles não foi produzida por utilitaristas, tecnicistas e estatísticos (sem qualquer demérito a esses profissionais), mas por um pessoal cujas atividades demandam certa maturação. Sim, o pessoal das Ciências Humanas, estranhos, na maioria das vezes, à onda produtivista desenfreada que quantifica o pensamento e relativiza quase sempre certa qualidade, que requer tempo e persistência.

O leitor deve estar se perguntando o porquê de todo esse intróito, não é? Talvez porque nos vemos obrigados a retomar o editorial de nosso número anterior, quando tratamos dos ataques impostos ao ensino e às pesquisas no país. Se à época estávamos receosos, hoje já andamos meio Bovary. Explicamo-nos: Emma esperava acontecimentos; sentada próxima à janela, não via nada além de uma vida em eterna repetição, cuja mediocridade provinciana a sufocava até o insuportável, mostrando-lhe um futuro algo sombrio. Nós, pesquisadores, professores, leitores e sonhadores, infelizmente, temos vislumbrado um futuro semelhante ao entrevisto por Bovary, qual seja, um túnel todo negro em que, ao final, diferente da costumeira luz, encontrar-se-á uma porta fechada. E, tratando-se das Ciências Humanas, a porta tem sido reforçada com barras e vergalhões, parece-nos, e quiçá com grilhões àqueles que ousarem transpô-la.

Por isso, se antes publicar uma Revista dedicada aos estudos sobre língua, literatura e tradução era algo, digamos, comezinho, corriqueiro; hoje, tornou-se um ato de resistência, principalmente nesses tempos em que o pensar tem sido vilipendiado e vira e mexe ecoa a famigerada pergunta: “Para que serve a literatura?” E, quando apontamos que talvez a sua maior valia seja fazer com que sobrevivamos à ignorância que nos rodeia e nos sufoca, tal como a mediocridade sufocava Emma, acham isto muito pouco e evasivo. Poderíamos lançar mão dos dizeres de Barthes, claro, que dissera que “a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (1980, p. 505), mas aí nos acusariam de eruditismo, de modo que, a nós, não nos resta nada além da resistência. Esta, pensamos, deve ser praticada nas linhas e entrelinhas, contra toda belicosidade simbólica e institucional à liberdade do pensamento, às Humanidades e àquilo que não produz benefícios materiais e objetivos num mundo regido pela ótica do *time is money*.

Assim, neste número oferecemos textos que refletem sobre literatura, língua, tradução, didática e que em seu conjunto, esperamos, levem o leitor à reflexão, ainda que por vias indiretas, fazendo-o também *scriptor* – em mais uma clara remissão a Barthes –, tornando-o mais crítico e pensador, e que por meio da aderência do conhecimento ganhe têmpera superior à dos vergalhões e grilhões, libertando-nos a todos.

Iniciamos a seção dedicada aos Estudos Literários com “Em busca de si, do mundo e da poesia: a obra moderna de Blaise Cendrars”, artigo de **Natalia Aparecida Bisio de Araujo**, que trata do cosmopolitismo de Cendrars, destacando a sua identidade fragmentada e como a sua poesia constitui-se uma busca por si mesmo, ressaltando seu espírito vanguardista e suas experiências, algo que se entremeia à poesia de Cendrars, de matiz plural. Na sequência, “Proust e a decadência literária: uma trajetória ambígua”, artigo de **Daniel Augusto Pereira Silva**, traça um panorama das relações entre a obra de Proust e a prosa de ficção decadentista. Para isso, Silva destaca pontos de aproximação e afastamento da obra proustiana em relação à poética *fin-de-siècle*, ressaltando polêmicas e querelas que envolveram a recepção crítica da ficção decadente.

Proust também é o horizonte de reflexão de **Luciana Persice Nogueira**, que, em “A fantástica encenação da dança macabra medieval em *Le Temps retrouvé*”,

aborda a cena do *bal de têtes*, tratando-a como enclave do gênero fantástico na obra do insigne autor e sublinhando “a construção de uma sucessão de camadas de interpretações de atos e fatos, materializada na velhice” das personagens que participam do tal baile. **Amayi Luiza Soares Koyano**, por sua vez, debruça-se sobre *La Jalousie*, romance de Alain Robbe-Grillet, destacando o ponto de vista das *images de si*, no intuito de buscar um entendimento do narrador robbegrilletiano, concluindo que as *images de si* mostram, em *La Jalousie*, que o olhar do narrador não é neutro, mas carregado de suspeita, ironia e desacordo. **Dionel Mathias** volta-se para a narrativa canadense, mas um canadense com tempero tropical, já que em “Dialogismo em *A Casa dos espelhos*, de Sergio Kokis”, Mathias trata de um romance produzindo por um brasileiro em solo canadense, ressaltando um narrador que “expõe suas memórias, buscando compreender a origem de sua identidade atual”.

Ainda na seção de Estudos Literários, trazemos o artigo de **Thaïs Chauvel**, “Usbek no harém das *Cartas Persas*, de Montesquieu”, em que a autora se concentra na busca de uma compreensão e interpretação da atuação da personagem Usbek no chamado “romance do serralho”. Para isso, analisa algumas das cartas escritas pela personagem, demonstrando em que medida essa personagem atua de maneira despótica, revelando seu descompasso entre as ideias que professa e suas práticas costumeiras. Na sequência, **Tatiane de Souza França Rangel**, em “Ou a morte, ou o livro: a escrita em Marguerite Duras” traça um cotejo entre *L’Amant* e *Agatha*, revelando as imbricações da narrativa de Duras, que se constitui de um recontar *ad infinitum*, único escape e prenúncio de salvação. **Vanessa Ferreira Vieira**, em “A linguagem entre dois mundos na obra *O lugar*, de Annie Ernaux”, reflete sobre a narrativa dessa autora revelando aspectos de autoficção que desembocam na chamada “trânsfuga de classe”, teorizada por Bourdieu, em razão dos questionamentos da autora que se materializam em sua ficção.

Para encerrar a seção, apresentamos o artigo “*Au pays de(s) intégré(s)* de Gabriel Kuitche Fonkou: de la problématique de l’intégration belliciste à la reconstruction identitaire”, de **Guilioh Merlain Vokeng Ngnintedem**, que trata de questões bastante distantes do universo dos leitores brasileiros, tendo o mérito de introduzir Kuitche

Fonkou, escritor que, acreditamos, permanece desconhecido no Brasil. Para isso, Volkeng Ngnintedem, analisa o universo maniqueísta das culturas aventadas por Kuitche Fonkou, destacando o caráter conflituoso e ambivalentes dos lugares identitários e a complexidade das relações sociais relacionadas às afiliações étnicas, tudo, é claro, a partir do universo narrativo do escritor.

Na seção dedicada aos Estudos da Tradução, trazemos “O aparato paratextual de *La poésie du Brésil* enquanto recurso de mediação para a compreensão dos projetos antológico e tradutório”, de **Rosália Rita Evaldt Pirolli**, em que a autora analisa o volume *La Poésie du Brésil – Anthologie du XVI^e au XX^e siècle*, organizado e traduzido por Max de Carvalho. Ao fazê-lo, Evaldt Pirolli reflete sobre o “o aparato paratextual – notadamente a capa, o título, o *press release* e, principalmente, o prefácio assinado pelo antologista”, embasada pela noção de materialidade de Chartier e a teoria dos paratextos de Genette. Ainda sobre a tradução, **Narceli Piucco**, em “*Corinne ou l’Italie* traduite au Brésil”, dispõe sobre a recepção da obra de Madame de Staël no Brasil, sobretudo *Corinne ou l’Italie*, em suas traduções e retraduições, destacando traços semânticos, culturais e estilísticos no cotejo das traduções.

Na seção dedicada à Língua Francesa, apresentamos “Mémoire discursive et pérégrinismes: viviers d’une variété de français ivoirien”, artigo de **Charles Liagro Rabé**, em que o autor reflete sobre o francês da Costa do Marfim em suas múltiplas variedades, ressaltando a criação híbrida de palavras e sinônimos, assim como a ressemantização de termos franceses.

Em didática, **Robert Mamadi** reflete sobre o uso didático da literatura no Chade em seu artigo intitulado “La consécration politique des oeuvres littéraires: quels impacts sur l’éducation?”, em que o autor destaca a problemática da seleção de obras destinadas a compor os currículos do ensino chadiano. Já **Eliene do Socorro Negro dos Santos** e **Aline Leontina Gonçalves Farias**, em “Contributions de l’approche ergonomique de l’activité à la compréhension du travail des enseignants de français” tratam do fazer e agir didáticos dos professores de língua francesa em sala de aula, a partir de estudos referenciais nas ciências da educação e por meio de uma abordagem ergonômica da atividade docente, elencando conceitos como a autoconfrontação, por exemplo.

Esperamos, caro leitor, que com essa múltipla seleção de artigos que versam sobre a literatura, língua, tradução e didática, tenhamos reforçado não só o diálogo interdisciplinar, mas a resistência nos diversos seguimentos que corroboram o saber nas Ciências Humanas. A todos uma ótima leitura.

Dirceu Magri
Grace Alves da Paixão
Editores deste número

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. O Romance no tribunal: o caso de Madame Bovary. *Revista Non Plus*, n. 12: “Literatura e Justiça: Relações e tensões”. São Paulo: Universidade de São Paulo, dez. de 2017, pp. 54-70. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/132389>.